

RAE eletrônica

PENSATA

ENSAYO

ESSAYS

SOBRE OS PONTOS DE PARTIDA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

SOBRE LOS PUNTOS DE PARTIDA DE LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA

ON THE STARTING POINTS OF ACADEMIC PRODUCTION

Por:

RODRIGO MOURA LIMA DE ARAGÃO, FFLCH-USP

RAE-eletrônica, v. 6, n. 1, Art. 4, jan./jun. 2007

<http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=4175&Secao=PENSATA&Volume=6&Numero=1&Ano=2007>

©Copyright, 2007, RAE-eletrônica. Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não-comercial. Em caso de dúvidas, consulte a redação: raeredacao@fgvsp.br.

A RAE-eletrônica é a revista on-line da FGV-EAESP, totalmente aberta e criada com o objetivo de agilizar a veiculação de trabalhos inéditos. Lançada em janeiro de 2002, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site www.rae.com.br/eletronica.

RAE-eletrônica

ISSN 1676-5648

©2007 Fundação Getulio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo.



**FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS**



Escola de Administração
de Empresas de São Paulo

UMA INDAGAÇÃO PERTURBADORA

PENSATA - SOBRE OS PONTOS DE PARTIDA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Rodrigo Moura Lima de Aragão

Em dezembro de 2005, o Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP promoveu o *workshop* “A singularidade na produção de conhecimento sobre o ensino de Língua Portuguesa”, no auditório da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Na ocasião, pude assistir a uma palestra do professor Valdir Barzotto, que falava sobre a presença, em textos acadêmicos, de idéias e palavras alheias cuja menção aos seus autores era omitida. Ao final, apreensivo, expus para o docente as seguintes questões:

Costumo escrever que, para ensinar, devem ser consideradas as possibilidades e necessidades dos alunos. Disseram-me que Paulo Freire também assinala a ponderação desses pontos. Eu não li Paulo Freire e não sei se ele realmente colocou isso. Como distinguir, então, o texto que apresenta, de fato, concepções de outrem, faltando-lhes a devida referência, daquele cujo autor teve idéia equivalente a uma já publicada, sem, entretanto, ter tido contato com ela (que acredito ser o meu caso)? Não existiriam trajetórias de raciocínio que poderiam ser percorridas igualmente por indivíduos que se propuseram uma mesma pergunta ou um mesmo problema, de forma independente?

Barzotto respondeu-me dizendo que, quando há o uso de elaborações alheias, traços comuns referentes à construção das frases podem ser identificados – excertos, cujos processos de paráfrase apontam nitidamente para outros textos, podem ser localizados nessas produções –, e sugeriu-me, por fim, a leitura de Paulo Freire.

O diálogo, embora tenha sanado minhas dúvidas naquele momento, em vez de calar meus pensamentos, levou-me a uma indagação mais perturbadora: deve-se necessariamente ler tudo o que foi produzido acerca de determinado assunto ou todo o material relacionado a este que se tem acesso, a fim de se elaborar algo novo e fértil sobre esse tema?

Se os bons costumes da academia ditam que sim, que o *estado da arte* em um tópico específico só pode ser alcançado a partir do desenvolvimento anterior, é possível questionar: e todo universo ignorado ao se focar o olhar em paradigmas já estabelecidos? Não são perdidos caminhos talvez mais produtivos ao se centrar em um modelo já construído?

São evidentemente perspectivas distintas e opostas com relação aos pontos de partida da produção acadêmica e que, nesta pensata, pretendo examinar. Trata-se de questão mais relevante talvez para aqueles que estão se iniciando na pesquisa científica? Penso que sim. São eles que ainda estão por

construir a maior parte de seus paradigmas científicos, e a indagação levantada se sobressai, principalmente, ao longo desse estágio inicial. Porém, acredito, não deixa de ser importante também para os veteranos de universidades e institutos de pesquisa, pelas considerações que o tópico suscita – provocadoras, porque conduzem a reflexões e críticas sobre os modos de se fazer ciência.

O NADA COMO PONTO DE PARTIDA

Tem-se um prédio e um terreno vazio. Quando se parte de algo já elaborado, pretende-se colocar tijolos – ou mesmo um andar – sobre um edifício em construção. Diferentemente, quando se inicia do zero, tudo o que há é a mera expectativa de se firmar parte de uma casa, ou toda ela, no nada. Contudo, pode ser que o novo produto torne-se posteriormente um outro prédio, maior e de bases mais sólidas? Por que não? Por outro lado, talvez a casa mantenha-se eternamente como uma residência isolada, sem receber visitas: um trabalho ignorado. Uma produção que tenha o nada como ponto de partida pode consistir, afinal, em uma moradia de conceitos solitários. É um risco. Sem ruas que a conectem aos demais estudos, só lhe resta a solidão.

No entanto, empreendimentos mais arriscados apresentam, muitas vezes, possibilidades maiores de rentabilidade. Acredito que existe, sim, a chance de se chegar a uma resposta original a determinado problema, que proporcione melhores resultados do que aquelas encontradas até então. E isso deve ser ponderado pelo pesquisador.

Atualmente, afirma-se que não se pode estabelecer com absoluta certeza a relação de causalidade entre dois fatos ou variáveis. “Se P, então Q” limita-se a “provável” ou “possível”. Se não há nada certo, pode-se também questionar a validade das – e a proporção dos resultados obtidos pelas – abordagens construídas até o momento para o estudo de um fenômeno em específico. Se não são necessariamente as melhores trajetórias de pesquisa, por que fixar os esforços nelas? Se há um ponto negro em uma parede branca, a atenção pode recair por completo no universo desse ponto, e detalhes, como a textura da parede, por exemplo, podem ser perdidos. Caso se ignore o ponto negro, porém, outras descobertas são passíveis de realização, e isso é um argumento a favor de se iniciar uma pesquisa do zero. Indo-se em uma direção possivelmente diferente, pode-se descobrir algo que dificilmente seria encontrado se os caminhos existentes continuassem a ser percorridos. Há x e não- x ; o segundo é, sem dúvida, muito maior que o primeiro. Se presta-se atenção somente em x , o resto pode

não ser notado. Essa é a questão. Fechar os olhos para esse elemento pode consistir no melhor meio para uma nova descoberta.

Um exemplo que se aproxima dessa postura científica é proveniente do século XVII. Refiro-me a René Descartes e sua obra *Discurso do método*.¹ Crente que a ciência seria mais perfeita se resultasse dos percursos de um único homem, assinalou o filósofo francês: “E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que se poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo [...]” (p. 70), “[...] eu não podia escolher ninguém cujas opiniões me parecessem ser preferidas às de outrem, e achava-me como que compelido a tentar eu próprio conduzir-me” (p. 76).

De fato, Descartes afastou-se das *opiniões* alheias e, até, das outras ciências, para poder desenvolver o seu método, racional e dedutivo, tal qual revelado nesses dois fragmentos. A partir de uma trajetória solitária, pôde alicerçar esse método em quatro preceitos bastante conhecidos ainda hoje, isto é: evidência, divisão, ordem e enumeração. Não entrarei em detalhes no que diz respeito a esses preceitos. Meu objetivo é outro: enfatizar o posicionamento assumido por Descartes frente aos trabalhos anteriores. A opção consciente e crítica de ignorar as outras vozes da ciência foi, sem dúvida, determinante para as proposições teóricas notáveis do filósofo francês, e é esse ponto que merece atenção: sua postura e os resultados advindos dela.

Cabe ressaltar que obviamente Descartes não partiu de um zero absoluto. Serviu-se, para a elaboração do seu método, da base adquirida na Filosofia, Lógica e Geometria. E deve-se assinalar que isso é verdadeiro para qualquer cientista. Na realidade, não há “zero absoluto”. Mesmo que o cientista ou pesquisador ignore todos os trabalhos escritos sobre determinado tema, trará para o seu desenvolvimento um repertório tão vasto quanto sua percepção, capacidade de assimilação, de sedimentação e vivência possibilitaram. Ao se deparar com uma pergunta comum a outras pesquisas ou ciências, entretanto, ele não necessariamente deve recorrer a elas a fim de obter sua resposta. Pode prosseguir sozinho e, ainda assim, atingir os objetivos que se propôs alcançar.

Ter o nada como ponto de partida apresenta possivelmente uma maior probabilidade de se identificar algo não visto, pois o olhar não se fixa a uma abordagem já construída e a uma abordagem talvez equivocada. Pode-se falar até que esse trabalho terá menores chances de *contaminação*, assumindo-se esta como uma influência nociva de pesquisas já realizadas, seja porque estabeleceram modelos que não são necessariamente os mais eficazes, seja porque os procedimentos que contêm são falhos. No entanto, deve-se atentar ao fato de que, embora a possibilidade de um novo conhecimento diferenciado seja significativa quando se parte do zero, é possivelmente maior a probabilidade de se

percorrer uma trajetória inadequada, que não proporcione ao pesquisador nenhum dos resultados pretendidos. Isso, por fim, precisa ser considerado.

O TODO JÁ PRODUZIDO COMO PONTO DE PARTIDA

No filme *Uma mente brilhante*,² Russell Crowe interpreta o fascinante matemático John Nash, prêmio Nobel de Economia (1994). Aluno da Universidade de Princeton, o protagonista convive com numerosos talentos em uma atmosfera que premia o brilhantismo e deixa num anonimato doloroso aqueles que não se aproximam do limite da genialidade. Em busca de uma idéia verdadeiramente original, Nash afirma para seus colegas de curso: “*Classes will dull your mind. Destroy the potential for authentic creativity*” (“As aulas vão debilitar suas mentes. Destruirão o potencial para uma criatividade autêntica”). Ele não perdia tempo com aulas ou livros. Para se tornar alguém, ser reconhecido, Nash insistia em buscar, sozinho, padrões de movimento nos fenômenos que o cercavam, como, por exemplo, em jogos de futebol e até na interação das pombas.

Dessa forma, aonde chegou o matemático? A lugar nenhum. Sua idéia original não surgia, o que o levava a uma tensão e ansiedade que, paulatinamente, se tornavam mais duras, diante do sucesso que vinham obtendo seus companheiros de Princeton. Começar do zero pode levar a caminhos improdutivos. Ou não levar a nada, como era o caso de Nash. Talvez não baste ser genial para desenvolver um produto significativo para a humanidade; é possível que seja necessária a interação. Um contato maduro com ciências e teorias as mais diversas proporciona, muitas vezes, *insights* valiosos. Não apenas pode ser feita a conexão entre objetos distantes, caso exista interação com e reflexão sobre o que já foi produzido, outros passos talvez sejam dados e, no enredo percorrido por Crowe, um novo andar foi somado à complexa construção da economia moderna, quando o matemático Nash elaborou algo a partir do que havia formulado Adam Smith. Ele foi responsável pelo estabelecimento da distinção entre jogos cooperativos e não-cooperativos (Teoria dos Jogos) e, ainda, pelo desenvolvimento de um conceito de equilíbrio para esta última categoria (Equilíbrio de Nash). Trata-se de uma teoria válida para áreas diversas (Economia, estratégia militar, etc.) e que, voltando-se à mesma questão para a qual Adam Smith buscou resposta, constituiu um produto célebre ao percorrer um trajeto distinto daquele da *mão invisível*.

Partir de um todo já produzido apresenta um risco bem menor de se percorrer um caminho inapropriado. O que foi escrito e publicado foi, de certa forma, questionado e debatido, sendo muitas dessas idéias colocadas à prova. É certo? Possivelmente não; talvez sim. E é menos incerto do que aquilo que se começa do zero? Provavelmente. Neste caso, a melhor atitude a ser tomada pelo pesquisador é a ponderação dos pontos fortes e fracos que são inerentes à adoção daquilo que foi produzido como ponto de partida.

Outro exemplo de construção teórica que teve por base um todo já elaborado está no desenvolvimento da Linguística. Saussure,³ nas aulas que deram origem à obra *Curso de Linguística geral* (publicado originalmente em 1915), apontou duas faces de um signo lingüístico: significante – definida como imagem acústica – e significado – o conceito. Ao fazê-lo, firmou peças importantes no campo do estudo da língua, uma vez que estabeleceu um modelo já abrangente para sua análise. Todavia, mais tarde, Hjelmslev⁴ apresentou uma perspectiva de maior verticalidade: o signo seria composto por dois planos, o da expressão e o do conteúdo, e ambos seriam constituídos tanto por uma forma quanto por uma substância. Não vou discorrer aqui sobre a teoria dos signos, pois fugiria do tópico que me propus discutir. O que gostaria de destacar é que Hjelmslev partiu do trabalho de Saussure. Nos excertos a seguir, encontra-se uma amostra clara da retomada dos estudos de Saussure por Hjelmslev:

Com o objetivo de precisar a natureza da função semiótica, Saussure aventurou-se a considerar a expressão e o conteúdo, tomados separadamente, sem se ocupar com a função semiótica. Eis ao que ele chegou [...]

Mas esta experiência pedagógica, por mais feliz que seja sua formulação, na realidade não tem sentido, e o próprio Saussure deve tê-lo imaginado. Numa ciência que evita qualquer postulado não necessário, nada autoriza que se faça preceder a língua pela “substância do conteúdo” (pensamento) ou pela “substância da expressão” (cadeia fônica) ou o contrário, quer seja numa ordem temporal ou numa ordem hierárquica. Se conservarmos a terminologia de Saussure, temos então de nos dar conta – e justamente a partir de seus dados – de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente (HJELMSLEV, 1975, p. 55).

Consciente do trabalho de Saussure, Hjelmslev pôde de fato enxergar além dele. A partir da constatação de que tomar expressão e conteúdo separadamente, tal qual proposto por Saussure, não teria validade, Hjelmslev pôde assinalar a dependência desses planos, como revelam os fragmentos acima. E isso consiste em parte de sua contribuição rica à Lingüística. Talvez o contato com trabalhos anteriores possibilite ir numa direção mais produtiva de pesquisa. Primeiro, porque permite ao cientista detectar as falhas cometidas anteriormente, como no caso de Hjelmslev. Segundo, por possibilitar a identificação daquilo que passou despercebido pelos indivíduos que se voltaram (voltam) para um mesmo problema. Penso que isso deve ser levado em consideração nas decisões do cientista e/ou pesquisador no que diz respeito aos pontos de partida de suas produções.

DE ONDE PARTIR, AFINAL?

Acredito que haja um grande peso contra a realização de pesquisas que ignorem os trabalhos realizados cujos objetos de estudo coincidam com o que se pretende analisar. Igualmente, há séria oposição a investigações que deixem de lado os estudos que abordam tópicos situados apenas próximos ao assunto escolhido. Esse posicionamento desfavorável pode ser pinçado, por exemplo, no seguinte trecho de Umberto Eco:⁵

A primeira tentação do estudante é fazer uma tese que fale de muitas coisas. Se se interessa por literatura, seu primeiro impulso é escrever algo como *A Literatura Hoje* [...]

Teses desse tipo são perigosíssimas. Estudiosos bem mais velhos se sentem abalados diante de tais temas. Para quem tem vinte anos, o desafio é impossível. Ou elaborará uma enfadonha resenha de nomes e opiniões correntes ou dará à sua obra um corte original e se verá acusado de imperdoáveis omissões (ECO, 1977, p. 7).

No capítulo do qual esse excerto foi extraído, o autor trata da questão da delimitação do tema. Entretanto, não é isso que vou abordar. Nesses fragmentos, o importante para esta pensata é a referência às omissões no desenvolvimento de pesquisas dirigidas a temas amplos: “[...] ou dará à sua obra um corte original e se verá acusado de imperdoáveis omissões” (ECO, 1977, p. 7). Detecta-se, aí,

algo que eu apontaria como um pressuposto hegemônico na academia: omitir é *pecar* (cientificamente), e não se trata de um simples pecado, mas enquadra-se na categoria dos *imperdoáveis*.

Defendo que essa postura deve ser questionada e combatida. O valor de um trabalho não resulta do número de citações feitas ou da quantidade de obras ou pesquisas lidas, mas, sobretudo, do impacto que esse trabalho tem ou terá na sociedade, na economia ou no campo de conhecimento que se pretendeu explorar. O peso dado ao *corte original* deve, pois, ser maior do que aquele atribuído às omissões. Se uma descoberta de alta aplicabilidade foi conseqüência de um percurso individual, que seja brindada com o devido reconhecimento, e não criticada por aquilo que ignorou.

Então, de onde partir, afinal? Não penso que haja uma única resposta para essa indagação. Os trabalhos anteriores podem servir tanto como degraus para uma pesquisa bem-sucedida, quanto como encaminhamentos nocivos ao estudo que se propôs realizar.

Entretanto, há áreas ou temas em que uma ou outra postura é certamente mais apropriada ou mesmo exigida. Como exemplo, cito a Medicina Cirúrgica. Fundamentalmente por envolver vidas humanas, não é possível, ao se realizar pesquisas nessa área, em nenhum momento, ignorar os trabalhos anteriores. Os pontos de partida daquilo que se faz em clínicas ou hospitais são comumente estudos com animais, cujos resultados, necessariamente, devem ser claros, precisos e livres de brechas metodológicas. E, mesmo nos experimentos com animais, uma pesquisa bibliográfica densa é recomendada, pois como afirma Aguilar-Nascimento,⁶ é o que pode evitar uma repetição desnecessária de experimentos e, conseqüentemente, o desperdício de tempo e capital.

Além disso, existem áreas em que ambas as posturas são necessárias, como é o caso da Administração. Sua produção acadêmica funde-se, muitas vezes, com o cotidiano das organizações e então muitas das escolhas feitas pelos pesquisadores-administradores são uma opção baseada mais em seus percursos nas empresas do que nos estudos anteriores. Constitui a Administração, de fato, um campo que requer duas fontes para a composição de seus alicerces: universidade e empresa. A produção da primeira dialoga com mais frequência e intensidade com as pesquisas anteriores do que aquela que provém da segunda fonte. Todavia, a produção desta última permite maior criatividade e originalidade aos seus administradores-pesquisadores, justamente por não fixar as práticas organizacionais em modelos pré-estabelecidos. O desenvolvimento da Administração depende diretamente de ambas as produções, opostas em certos pontos, mas complementares em sua essência.

Há outros fatores que devem ser ponderados pelos pesquisadores na escolha dos pontos de partida de sua produção. O contexto de realização da pesquisa é um deles. No Brasil, uma dissertação

PENSATA - SOBRE OS PONTOS DE PARTIDA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Rodrigo Moura Lima de Aragão

de mestrado ou uma tese de doutorado que ignore os estudos anteriores dificilmente seria validada por uma banca examinadora ou mesmo aprovada em um exame de qualificação. O pressuposto hegemônico que assinaléi antes, a partir do excerto de Eco, tem um peso muito grande neste país. Na realização de outros tipos de pesquisa, porém, acredito que exista maior flexibilidade e, nesse caso, a *criatividade autêntica* citada por Nash pode ser preservada. Assinalo ainda que o pesquisador deve conhecer adicionalmente o seu modo particular de fazer pesquisa, para decidir de onde partir. É preciso saber com clareza de que maneira foram obtidos os melhores resultados no passado, a fim de delinear as trajetórias das pesquisas futuras. O pesquisador trabalha melhor com prédios em construção? Ou estabelecendo alicerces para novos edifícios? Isso, por fim, deve ser considerado na escolha dos pontos de partida da produção acadêmica.

NOTAS

¹ DESCARTES, R. Discurso do método. In: *Descartes*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 61-127. (Coleção Os Pensadores).

² UMA MENTE BRILHANTE (*A Beautiful Mind*). Direção de Ron Howard. Produção de Brian Grazer. Estados Unidos: Universal Studios and Dreamworks LLC, 2001. 1 DVD (135 min).

³ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

⁴ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

⁵ ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

⁶ AGUILLAR-NASCIMENTO, José Eduardo de. Fundamental steps in experimental design for animal studies. *Acta Cirúrgica Brasileira*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 2-9, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.org.br/acb>>. Acesso em 02 set. 2006.

PENSATA - SOBRE OS PONTOS DE PARTIDA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Rodrigo Moura Lima de Aragão

Artigo recebido em 29.12.2005. Aprovado em 25.11.2006.

Rodrigo Moura Lima de Aragão

Bacharel em Propaganda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Administração pela FGV-EAESP e bacharelado em Letras na FFLCH-USP. Membro do GEPPEP (grupo de estudos da FE-USP) e pesquisador do Centro de Estudos Japoneses da USP.

Interesses de pesquisa nas áreas de metodologia científica e seu ensino, escrita acadêmica e seu ensino, *marketing* e seu ensino, linguagem e tecnologia.

E-mail: aragao_rodrigo@yahoo.com.br

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 159 (Centro de Estudos Japoneses), Cidade Universitária – São Paulo – SP, 05508-900.